



O trabalho da Comissão Nacional Anglicano-Católica Romana e o ecumenismo prático

The work of the Anglican-Roman Catholic National Commission and the practical ecumenism

Rafael Vilaça Epifani Costa *

Resumo

Criada em 1982, a Comissão Nacional Anglicano-Católica Romana (CONAC) é fruto do diálogo desenvolvido pelo Sínodo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Sua principal missão é traduzir, estudar e divulgar os textos da Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana (ARCIC, sigla em inglês), organizada em 1966, a partir do encontro entre o Papa Paulo VI e o Arcebispo de Cantuária Michael Ramsey. Apesar dos esforços e dos frutos iniciais gerados pelo trabalho da CONAC, nos anos seguintes houve uma estagnação das suas reuniões, especialmente durante o pontificado do Papa Bento XVI e das crises institucionais que afetaram a IEAB anos antes. Porém, com a eleição do Papa Francisco, novos diálogos foram estabelecidos com a Sé de Cantuária e o Centro Anglicano em Roma. Tomamos por objeto de pesquisa o trabalho realizado pela Comissão Nacional Anglicano-Católica Romana, utilizando como revisão bibliográfica fontes documentais, classificadas como primárias – Atas dos Sínodos da IEAB, documentos da CONAC e outros textos relacionados às duas Igrejas – e secundárias – livros sobre a história do diálogo anglicano-católico romano, em nível internacional e nacional – e terciárias – notícias veiculadas na Internet, de acontecimentos ligados às atividades da Comissão Nacional.

Palavras-chave: CONAC. Igreja Católica no Brasil. Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Diálogo Ecumênico.

Abstract

Created in 1982, the Anglican-Roman Catholic National Commission (CONAC) is the result of the dialogue developed by the Synod of the Anglican Episcopal Church of Brazil (IEAB) and the National Conference of Bishops of Brazil (CNBB). Its main mission is to translate, study and disseminate the texts of the Anglican-Roman Catholic International Commission (ARCIC), organized in 1966, from the meeting between Pope Paul VI and the Archbishop of Canterbury Michael Ramsey. Despite the efforts and the initial fruits generated by the work of CONAC, in the following years there was a stagnation of its meetings, especially during the pontificate of Pope Benedict XVI and the institutional crises that affected the IEAB years before. However, with the election of Pope Francis, new dialogues were established with the See of Canterbury and the Anglican Center in Rome. We took as research object the work carried out by the Anglican-Roman Catholic National Commission, using documental sources as a bibliographic review, classified as primary - such as Minutes of the IEAB Synods, CONAC documents and other texts related to the two Churches - and secondary - books on the history of the Anglican-Roman Catholic dialogue, at the international and national level - and tertiary - news published on the Internet, of events linked to the activities of the National Commission.

Keywords: CONAC. Catholic Church in Brazil. Anglican Episcopal Church of Brazil. Ecumenical Dialogue.

Artigo submetido em 1 de junho de 2021 e aprovado em 3 de dezembro de 2021.

* Doutor em Ciências da Religião pela UNICAP. País de origem: Brasil. E-mail rafaelvilaca.e.costa@gmail.com.

Introdução

Após quatrocentos anos de separação entre as Igrejas Anglicana e Católica Romana, o Arcebispo de Cantuária Michael Ramsey visitou o Papa Paulo VI, em Roma, no ano de 1966. Esse evento histórico marcou o início de uma série de encontros ecumênicos entre as duas denominações, a partir dos quais foi formada a Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana (*Anglican Roman Catholic International Commission* – ARCIC, em inglês). A partir dessa comissão bilateral, iniciou-se o trabalho de diálogo ecumênico a partir de encontros regulares entre representantes da Santa Sé e da Comunhão Anglicana, nos quais são tratadas questões ligadas à doutrina da Eucaristia, do Ministério e Ordenação da Autoridade na Igreja, da Salvação e a Igreja, e da Comunhão Eclesial.

Nesse mesmo espírito, em 1982 surgiu a Comissão Nacional Anglicano-Católica Romana (CONAC), a partir de uma iniciativa conjunta do Sínodo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O trabalho encarregado pela CONAC ao longo dos anos foi o de traduzir e estudar os relatórios produzidos pela ARCIC, de modo a apresentar aos fiéis das Igrejas do Brasil os frutos do trabalho da Comissão Internacional, dar testemunho da unidade e propor caminhos para que as denominações se conheçam melhor, cooperem naquilo que for comum e respeitem as diferenças dentro da pluralidade existente nas teologias anglicana e católica romana.

Porém, após os anos 2000, percebemos um *hiatus* no trabalho da CONAC, que de alguma forma, estagnou, durante um período marcado por novas configurações institucionais no Papado e o Ecumenismo – a transição do pontificado de João Paulo II para o de Bento XVI e a instituição da Constituição Apostólica *Anglicanorum Coetibus*, em 2009 – e na Comunhão Anglicana, com a fragmentação e tensões surgidas na mesma – a ascensão da GAFCON¹ e de Igrejas Anglicanas Independentes, contrárias ao avanço da ordenação feminina e de novas pautas teológicas assumidas por algumas Igrejas da Comunhão, como a

¹ A Conferência Global do Futuro Anglicano (*Global Anglican Future Conference*), ou simplesmente GAFCON, é uma série de conferências de bispos e líderes anglicanos de linha conservadora, que se reuniram pela primeira vez em Jerusalém, no ano de 2008, para discutir os avanços da “corrente liberal” e os riscos do crescente “secularismo” dentro das Igrejas Anglicanas. Dessa reunião, surgiu a Fraternidade de Anglicanos Confessantes (FCA), uma nova “Comunhão” composta, em sua maioria, de Igrejas Anglicanas do “Sul Global”. Parte dessas Igrejas se originaram de cismas ocorridos em suas Províncias originárias. Paralelamente, também fazem parte da FCA algumas Províncias da Comunhão Anglicana da África e da Ásia.

ordenação e o casamento religioso de pessoas homoafetivas – as quais geraram cismas dentro de denominações anglicanas que se aprofundaram em tais questões, como a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

Em face dos novos desafios que surgiram para o campo ecumênico brasileiro, especialmente a nova configuração do mercado religioso brasileiro – com a ascensão das teologias carismática e neopentecostal, após os anos 2000, marcadas por uma resistência doutrinária ao Ecumenismo do século XX, por conta do ideário de conversão e de confronto ao “diferente” –, somada à falta de articulação da CONAC nos últimos anos, para trabalhar conjuntamente em temas e assuntos de interesse comuns – a partir das mudanças surgidas no período de Bento XVI e da crise institucional na Comunhão Anglicana –, este trabalho visa atualizar as pesquisas sobre o Ecumenismo, tomando por objeto de pesquisa o trabalho realizado até então pela CONAC, sendo, pois, uma pesquisa inédita, acerca do objeto estudado.

De que maneira a CONAC pode dar continuidade ao diálogo entre as Igrejas Anglicana e Católica Romana do Brasil, no atual contexto da Comunhão Anglicana e do pontificado do Papa Francisco? Para responder a esta pergunta, buscaremos analisar o trabalho desenvolvido pela Comissão, a partir de um breve histórico do diálogo ecumênico realizado entre as Igrejas Anglicana e Católica Romana no Brasil, analisando os avanços e problemas surgidos desde o surgimento da Comissão Nacional, para que possamos propor possíveis soluções para a continuidade dos trabalhos, pautadas no conceito do ecumenismo prático.

1 Breve histórico da formação da ARCIC e da CONAC

Não é possível falar do diálogo anglicano-católico romano sem falar do movimento ecumênico. Ao contrário do que se imagina popularmente, o Ecumenismo enquanto movimento surgido entre as Igrejas Cristãs não tem origem na Igreja Católica Romana.

Historicamente, “o movimento ecumênico surgiu no seio das Igrejas e Comunidades Eclesiais derivadas da Reforma. Não só a Igreja Católica, mas

também as Igrejas orientais ortodoxas aderiram muito mais tarde ao movimento ecumênico. ” (CNBB, 1979, p. 178), uma vez que este nasceu junto com as federações, uniões e conferências interconfessionais, a exemplo da Conferência de Lambeth da Comunhão Anglicana (1867), a Conferência Metodista Mundial (1881), a Convenção Luterana Mundial (em 1947, transformada na Federação Luterana Mundial), e outras reuniões do gênero.

O ano de 1960 pode ser considerado o marco inicial do diálogo anglicano-católico romano, quando, em um gesto considerado inédito, o Papa João XXIII recebeu o Arcebispo de Cantuária Geoffrey Fisher, sendo o primeiro encontro entre ambos os líderes das respectivas Igrejas desde a Reforma inglesa. No ano seguinte o Papa João XXIII recebeu pela primeira vez, como chefe do Estado do Vaticano, a Rainha da Inglaterra, Elizabeth I.

Como consequência direta de encontros ecumênicos que desenvolvia há anos com patriarcas ortodoxos, antes mesmo do seu pontificado, João XXIII sentiu que era o momento de traçar novos fundamentos para uma Igreja que necessitava dialogar com o mundo moderno. Em 1961 foram publicadas as encíclicas *Mater et Magistra*, no mês de maio, atualizando a Doutrina Social da Igreja; *Aeterna Dei Sapientia*, em novembro, em que conclamava os cristãos à unidade; e por ocasião do Natal, publicou a bula *Humanae salutis*, convocando o Concílio Vaticano II para o ano seguinte. A 1ª sessão de trabalhos foi aberta em 11 de outubro, encerrando-se em 8 de dezembro de 1962, em Roma.

Com a morte de João XXIII, coube ao novo Papa, Paulo VI, eleito em 21 de junho de 1963, a tarefa de dar continuidade ao Concílio, que foi concluído em 8 de dezembro de 1965, em sua 4ª sessão. Durante as reuniões, em 21 de novembro de 1964, Paulo VI publicou o Decreto Conciliar² *Unitatis Redintegratio*, que tratava sobre o Ecumenismo. Este documento possui grande importância, pois nasceu diretamente do espírito do Concílio Vaticano II, por meio dos debates promovidos e dos anseios levados à Roma pelos padres conciliares.

² Os Decretos Conciliares foram documentos aprovados durante o Concílio Vaticano II, que passaram a orientar a Igreja Católica a partir de disposições disciplinares. Durante o CVII, foram produzidos nove decretos. Além deles, foram aprovadas quatro Constituições (sendo duas dogmáticas, uma de caráter pastoral e outra litúrgica) e três Declarações (de diferentes temas).

A partir desse documento, a Igreja Católica traçou os princípios que deveriam ser utilizados para o diálogo com outras denominações cristãs, fundamentando tal prática no desejo de Jesus Cristo de recuperar a unidade de todos os cristãos. Inclusive, em suas palavras iniciais, o Decreto afirma que “ele fez nascer entre os nossos irmãos separados um movimento para recuperar a unidade de todos os cristãos. Esse movimento de unidade é chamado movimento ecumênico.” (CNBB, 2005, p. 28). Sobre o termo, “irmãos separados”, utilizado no Decreto Conciliar, vale ressaltar que atualmente ele não é mais utilizado, vistos os avanços promovidos pelos encontros ecumênicos.

A expressão ‘irmãos separados’ é própria do Decreto Conciliar *Unitatis Redintegratio* e, como tal, é usada quando se cita o documento. À época do Concílio, era sinal de avanço. Hoje essa expressão já está superada, como vemos na Encíclica *Ut Unum Sint* e em outros textos oficiais. Atualmente, a expressão mais usada é ‘outros cristãos’. (CNBB, 2005, p. 31).

Seguindo o espírito do nascente ecumenismo dentro da Igreja Católica, em 1966 aconteceu um segundo encontro entre os líderes das Igrejas Católica Romana e Anglicana, quando o Papa Paulo VI se reuniu com o Arcebispo de Cantuária, Dr. Michael Ramsey. Do compromisso assumido pelos dois, nasceu a Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana (ARCIC). A partir de então, a Igreja Católica Romana e a Comunhão Anglicana entraram num processo de diálogo fecundo, que se tem caracterizado pela descoberta de significativos elementos de fé que compartilhamos e por um desejo de manifestar o que temos em comum, conjuntamente, através do testemunho, da oração e do serviço.

Em 1981 a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o Sínodo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil começaram os trabalhos para o estabelecimento da então chamada Comissão Bilateral Anglicana-Católica Romana, posteriormente intitulada Comissão Nacional Anglicano-Católica Romana. Após estas reuniões preparatórias, em 1982 a CONAC foi oficialmente organizada, sendo escolhida a cidade de São Paulo como a sua sede.

Um dos destaques que damos nesse processo é o papel central da Casa da Reconciliação³, de propriedade da Arquidiocese de São Paulo, que serviu de local

³ A Casa de Reconciliação tem origem na década de 80, com a chegada da Congregação dos Frades Franciscanos da Reconciliação, uma comunidade católica dos Estados Unidos que tinha como Carisma criar laços de Unidade e de Fraternidade entre os diferentes credos. Logo passaram a articular e facilitar o trabalho ecumênico já realizado pela

para as reuniões e onde se encontra o arquivo da Comissão. O atual responsável é o padre José Bizon, que relata em sua obra sobre o Ecumenismo a composição da Comissão, que se dá da seguinte maneira: “a Câmara dos Bispos da Igreja Anglicana escolhe os seus representantes e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil escolhe os seus. A coordenação da Comissão se dá com um bispo de cada uma das tradições.” (BIZON; DRUBI, 2004, p. 12).

A importância da CONAC não se revela apenas na busca de estabelecer um diálogo a nível nacional entre as duas denominações cristãs, mas, sobretudo, em ter realizado um profícuo trabalho desde a sua fundação, indo além da tradução dos documentos da ARCIC e outras iniciativas, que por muito tempo, construíram um Ecumenismo com sólidas bases.

2 O trabalho desenvolvido pela CONAC

A proximidade entre anglicanos e católicos era bastante visível nos anos 80. Uma confirmação desse fato se deu no dia 18 de maio de 1987, quando o bispo anglicano Desmond Tutu, ao visitar a cidade do Recife, fez questão de se encontrar com Dom Helder Câmara. Além da agenda de visitas à Igreja Anglicana e outras formalidades com autoridades locais, uma foto do abraço entre o sul-africano vencedor do prêmio Nobel da Paz de 1984 e o Arcebispo de Olinda e Recife – que havia sido boicotado pelo regime militar de concorrer ao Nobel, em anos anteriores –, tornou-se à época um dos símbolos do Ecumenismo no Brasil.

Este clima de cordialidade e cooperação mútua, sem dúvida, ajudou a CONAC no desenvolvimento dos trabalhos, não apenas teológico-acadêmicos, mas também prático-pastorais. No campo teológico-acadêmico, sem dúvida a maior contribuição foi a tradução e estudo dos vários documentos produzidos pela Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana (ARCIC), que deram origem às obras *Relatório Final* (1990), *Unidos no Diálogo: Anglicanos e Católicos* (1992), *O Dom da Autoridade* (1999), *Vida em Cristo* (2001), *Maria:*

Arquidiocese de São Paulo. Em 1994, com o retorno dos Frades da Reconciliação para os EUA, a casa foi doada para a Arquidiocese, que passou a utilizá-la como centro de estudos e reuniões de suas comissões e movimentos ecumênicos. Dentre os primeiros grupos que ali se estabeleceram, destacamos o Movimento de Fraternidade de Igrejas Cristãs (MOFIC); a Comissão Arquidiocesana de Ecumenismo e de Diálogo Inter-religioso da Arquidiocese de São Paulo (CEDRA) – a antiga CEA; a Comissão Nacional de Diálogo Anglicano Católico-Romano (CONAC); e a Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico Judaico (DCJ).

Graça e Esperança em Cristo (2005) e *Crescer Juntos na Unidade e na Missão* (2010). Também destacamos o trabalho voltado para a importância do Ensino Religioso com programas ecumênicos, nas escolas públicas, bem como a recomendação que a disciplina “Ecumenismo” fosse introduzida nos currículos das faculdades e seminários teológicos das Igrejas Cristãs no Brasil.

Durante essas décadas de trabalho, algumas datas merecem destaque. Nos dias 20 e 21 de novembro de 1992 foram celebrados os dez anos de fundação da CONAC, em um encontro realizado na cidade de São Paulo, que contou com vinte e um participantes, vindos de vários estados do Brasil e um representante de Portugal. O fruto mais concreto do encontro foi a obra *Unidos no Diálogo: Anglicanos e Católicos*, publicada neste mesmo ano.

Vindos de várias partes do Brasil no espírito fraterno que sempre nos caracterizou, os membros da CONAC (Comissão Nacional Anglicano-Católica Romana) se reuniram na Casa da Reconciliação, em São Paulo, para comemorar os 10 anos da Comissão. Nestes dois dias, em oração e louvor a Deus, refletimos sobre a nossa vocação ecumênica e julgamos nossa caminhada à luz da palavra de Deus, da realidade ecumênica e das experiências vividas e nos propusemos algumas ações para o futuro. Apesar das dificuldades que se apresentam ao diálogo em nível internacional, constatamos o vivo desejo de todos de continuar em nosso esforço comum e mesmo ampliá-lo. (CONAC, 1992, p. 125).

A importância desse encontro, que marcou os dez anos de diálogo da CONAC, se encontra em sua metodologia de trabalhos conjuntos, que utilizou o método “ver-julgar-agir”, apresentando ao final deste, afirmações, questionamentos e propostas para a continuidade do trabalho. Entre os questionamentos, destacamos a relação entre as culturas ligadas às duas Igrejas (anglo-saxônica e latina) e se haveria diálogo entre elas; se a posição do diálogo institucional estava voltada à Instituição ou ao Evangelho; e o que impediria de ambas as Igrejas partilharem a Eucaristia e quais passos deveriam ser dados (CONAC, 1992).

Sobre as propostas apresentadas para o trabalho da CONAC, destacam-se:

Encorajar as pessoas abertas ao ecumenismo a se comprometerem sempre mais com a causa da unidade dos cristãos. – Propor para as duas Igrejas um programa a nível local, preparar um curso básico. Que a CONAC se mantenha em contato com estas atividades e divulgue as experiências. – Promover a criação de núcleos regionais da CONAC. – Estimular encontros de estudo entre Anglicanos e Católicos, a nível nacional, encontros semelhantes a este. (CONAC, 1992, p. 123).

No campo prático-pastoral, ao longo dos anos houve um esforço para a promoção das Campanhas da Fraternidade Ecumênicas de 2000, 2005 e 2010. Em nível internacional, a CONAC participou do Encontro Internacional em Mississauga, Canadá, em 2001, com Dom Glauco Soares de Lima, representando a IEAB, e Dom Antônio Celso de Queiroz, representando a CNBB.

A Comissão participou do encontro de bispos anglicanos e católicos romanos, procedentes de treze países, em Mississauga, grande Toronto, Canadá, de 14 a 20 de maio de 2000, convocados por Sua Eminência o cardeal Cassidy e Sua Graça o arcebispo George Carey. Como resultado desse encontro a Comissão já organizou dois encontros no Brasil de bispos da Igreja Anglicana e da Igreja Católica, e está se preparando para o terceiro encontro. (BIZON; DRUBI, 2004, p. 12).

Como consequência dos três grandes encontros entre bispos anglicanos e católico-romanos no Brasil, ocorridos em 2001, 2003 e 2007, que marcaram o diálogo entre as duas Igrejas, também foram produzidas liturgias comuns para as celebrações ecumênicas. Em especial, o encontro do ano de 2007 merece destaque pela celebração dos vinte e cinco anos de instalação da CONAC.

Dom Maurício Andrade, Primaz da IEAB e dom Odilo Pedro Scherer, cardeal arcebispo de São Paulo, receberam juntos dezenas de bispos anglicanos e católicos, reverendos, padres e centenas de leigos das duas igrejas, que acorreram, ontem, à Paróquia Anglicana da Santíssima Trindade, em São Paulo, para celebrar os 25 anos de instalação da Comissão Nacional Anglicano- Católico-Romana – Conac. Organizado pelo padre José Bizon, da Casa de Reconciliação - Conac e pelo rev. Arthur Cavalcanti, pároco da Santíssima Trindade, o Ofício de Vésperas incluiu orações na versão ecumênica – o Credo e o Pai Nosso, tradicionais hinos anglicanos e cânticos à Virgem Maria. O pregador foi dom José Alberto Moura, arcebispo de Montes Claros (MG) e presidente da Comissão Episcopal Pastoral para o Ecumenismo e para o Diálogo Inter-religioso da CNBB. (DIOCESE ANGLICANA DE BRASÍLIA, 19 abr. 2007).

Dentre as fontes escolhidas para analisar os trabalhos da Comissão Nacional, as principais são os relatórios da comissão de relações ecumênicas da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, apresentados a cada Sínodo da instituição. A partir da criação da CONAC, em 1982, temos os seguintes relatórios, nos respectivos Sínodos realizados.

Sobre o Documento Bilateral da ARCIC (Anglicana Roman Catholic International Committee): (a) Grupo Meridional – Sul-Occidental: Rev. Luiz Osório Pires Prado, Rev. Oswaldo Kickhöfel, Rev. Laudelino Corrêa Gusmão e Rev. Carlos Getúlio Hallberg; (b) Grupo Central – Sul-Central: Revmo. Dom Sumio Takatsu, Rev. Jaci Correia Maraschin, Rev. Sydney Alcoba Ruiz e Rev. Celso Franco de Oliveira; (c) Revmo. Dom Edmund Knox Sherrill, Rev. Paulo Ruiz Garcia, Rev. Júlio Pedro

Seelig e Profa. Yara Lins Silva. (IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL, 1984, p. 23).

Nas Atas do Sínodo de 1984, acima transcritas, temos a eleição da primeira comissão que representaria a IEAB para iniciar os trabalhos de tradução do documento da ARCIC. Destacamos a escolha dos membros para que cada diocese fosse contemplada com seus respectivos representantes. Entretanto, percebemos a participação de apenas uma mulher, dentro do universo masculino. Este passo institucional foi importante para o início dos trabalhos, os quais passaram a serem registrados também nas Atas dos Sínodos seguintes.

Comissão Bilateral Anglicana-Católica Romana, nomeada respectivamente pelo Sínodo e pela CNBB, já completou a tradução do documento ARCIC (da Comissão Internacional) como já foi mencionado anteriormente e está em fase de fazer uma tradução popular dos documentos para o uso nas igrejas. A tradução oficial terá o prefácio do Primaz e do Presidente da CNBB, apreciação crítica de ambas as Igrejas, e o comentário da própria Comissão. A nossa apreciação já entregue ao CONIC é o que a Câmara dos Bispos pronunciou a respeito e encontra-se apenso a este relatório. (IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL, 1986, p. 55).

Este documento da ARCIC citado nas Atas do Sínodo de 1986 é a obra *Relatório Final* (1990), sendo a primeira tradução em língua portuguesa e publicada no Brasil. O destaque desse documento é o parecer emitido ao final do livro pela CONAC, comentando cada um dos tópicos abordados pela ARCIC (Doutrina Eucarística, Ministério e Ordenação, Autoridade na Igreja, *Jus Divinum*, Jurisdição e Infabilidade).

Continuam os trabalhos em São Paulo. A Comissão tem dado atenção às pesquisas realizadas, a nível internacional, em torno das Ordens Anglicanas. Dois pontos merecem a nossa atenção: 1 – o reconhecimento, a nível das pesquisas, de que o Ordinal em uso na Igreja da Inglaterra na época da Reforma estava baseado nas tradições antigas do Ocidente e do Oriente. E a forma imperativa: recebe o Espírito Santo, estava em uso na Idade Média. Hoje a Igreja Católica Romana com o retorno ao padrão primitivo reencontra-se com o anglicanismo. 2 – Quando o papa da época decidiu declarar nulas as Ordens anglicanas o fez com um bom número de assessores esclarecidos opinando o contrário. Na ocasião da visita do Arcebispo de Cantuária a São Paulo, a CONAC preparou a liturgia do culto ecumênico realizado na Catedral da Sé, onde vieram cerca de mil pessoas, numa segunda-feira à noite, e, houve procissão do clero da Catedral, os bispos e os representantes ecumênicos, que vieram até do Estado do Espírito Santo. Ali o Arcebispo foi saudado pelo Cardeal de São Paulo como mensageiro de Deus, apóstolo da paz, amigo dos pobres e defensor dos direitos humanos. (IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL, 1990, p. 63-64).

Durante a visita do Arcebispo de Cantuária Robert Runcie ao Brasil, em 1990, por ocasião das comemorações do centenário da IEAB, foi realizada a primeira liturgia ecumênica do gênero na Catedral Metropolitana de São Paulo, elaborada pela CONAC e com grande participação dos membros das duas denominações.

Esta comissão tem se reunido regularmente. Suas atividades constaram de leituras e estudos sobre artigos referentes ao papado, suas estruturas, problemas e sugestões por parte de autores católicos romanos em outros países. A atividade mais recente foi o lançamento do Texto base da CF 2000 Ecumênica, juntamente com o MOFIC e a Associação de Educação Católica/SP, com a presença de cerca de 600 pessoas, sendo a maioria professores católicos romanos nas instituições educacionais do estado, do município e dos particulares. (IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL, 2000, p. 57).

A partir da segunda década dos anos 2000, com os trabalhos concentrados em São Paulo, a IEAB buscou priorizar a participação de clérigos e clérigas oriundos dessa região eclesiástica. Neste período, damos destaque à participação do clero da Diocese Anglicana de São Paulo (DASP), a exemplo dos bispos Dom Sumio Takatsu, Dom Hiroshi Ito e Dom Roger Bird, dos reverendos Jaci Maraschin, Francisco César, Arthur Cavalcante, Tadeu dos Santos, Sérgio Pacheco e das reverendas Carmen Kawano e Valéria Silva. Do lado católico romano, destacamos a participação dos bispos Dom Décio Pereira, Dom Antônio Celso de Queiroz, Dom Caetano Ferrari, dos padres Alcides Costa, Alcides Pinto da Silva, José Bizon, Paulo H. Gozzi, e das irmãs Gisa Fonseca e Palmira Miranda.

3 Problemas e *Hiatus* no diálogo ecumênico

Desde o início da década de 80, a Igreja Católica Romana dava sinais de preocupação quanto aos avanços das pautas relativas à Ordenação Feminina na Comunhão Anglicana. O próprio relatório da Comissão de Relações Ecumênicas para o Sínodo da IEAB de 1986 destacava os entraves surgidos na ARCIC.

A Comissão Bilateral Anglicano-Católica Romana foi incumbida, nesta segunda fase, de tratar do Crescimento para Reconciliação entre ambas as Comunhões. E a correspondência havida entre o Arcebispo de Cantuária, o Papa João Paulo II e o Cardeal J. Willebrands, no período de 20 de dezembro de 1984 a 16 de junho de 1986, indica que constará das pautas da Comissão as questões referentes à Ordenação Feminina, reconhecimento das Ordens Anglicanas e outros impedimentos para a unidade. No que se refere ao reconhecimento das Ordens Anglicanas, é persuasão católica romana que haverá solução desse problema quando

houver acordo mútuo entre ambas as Igrejas em matéria de Eucaristia e Ministério. (IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL, 1986, p. 49-50).

Ao contrário do texto apresentado no Sínodo Geral da IEAB de 1990, quando a CONAC havia destacado os avanços no diálogo acerca da validade das Ordens Anglicanas, a situação nos anos 2000 mudou drasticamente, sobretudo com o avanço da ordenação feminina para os três ministérios, bem como a aprovação da ordenação e do casamento de pessoas homoafetivas, a exemplo da eleição e ordenação do bispo Gene Robinson, na Igreja Episcopal dos Estados Unidos, que gerou grande controvérsia e divisão entre as Igrejas da Comunhão Anglicana. No chamado ‘Grande Cisma do Recife’⁴, ocorrido na Diocese Anglicana do Recife.

Na semana passada, a Comissão Internacional Anglicano-Católica (ARCIC) reuniu-se em Roma para uma nova rodada de discussões ecumênicas. Agora que os anglicanos têm bispas, bispos homossexuais e estão bem adiantados no longo do caminho em direção ao casamento de pessoas do mesmo sexo, há algum ponto de comunhão? Os cínicos argumentam que esse tipo de reunião ecumênica é mera fachada. Um analista comparou o evento às rodadas intermináveis de *détente* [relaxamento das tensões diplomáticas entre EUA e URSS na década de 1970] durante a era soviética, em que ambos os lados apertavam as mãos e sorriam para as câmeras, mas estavam realmente esperando para ver que lado iria criar a divisão primeiro. (IHU UNISSINOS, 11 mai. 2015).

Durante todo o século XX a Comunhão Anglicana sofreu fragmentações com o surgimento do Movimento Carismático, Movimento Continuarista⁵ e grupos anglo-católicos ou evangélicos⁶ que saíram das suas respectivas Províncias, por discordarem de posições teológicas ou doutrinárias assumidas por estas Igrejas, a exemplo da Ordenação Feminina.

A Comunhão Anglicana já não é a mesma depois da ordenação sacerdotal da Revda. Li Tim Oi, primeira presbítera anglicana. [...] É bem verdade que algumas Províncias ainda não aceitaram a ordenação

⁴ Em 2005, o então Bispo da Diocese Anglicana do Recife, Robinson Cavalcanti, rompeu com a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil devido a conflitos internos surgidos entre grupos progressistas e conservadores da Diocese, ocorridos à mesma época da eleição do bispo homoafetivo Gene Robinson, para a Diocese de New Hampshire da Igreja Episcopal dos Estados Unidos. Deste cisma originou-se a Igreja Anglicana no Brasil, que filiou-se à GAFCON. Atualmente, a Igreja Anglicana no Brasil é liderada pelo Arcebispo Miguel Uchôa, tendo a sua sede em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco.

⁵ O Movimento Anglicano Continuarista surgiu em 1977 na América do Norte, entre clérigos e bispos episcopais e anglicanos que discordavam da Ordenação Feminina, aprovada no ano anterior na Igreja Episcopal dos Estados Unidos e na Igreja Anglicana do Canadá. Desde então, surgiram várias Igrejas Anglicanas que se identificam com o movimento.

⁶ O Anglo-catolicismo e o Evangelicalismo anglicano são movimentos de reafirmação de posturas teológicas, doutrinárias e litúrgicas dentro do Anglicanismo, que se opõem em vários aspectos. O primeiro surgiu no século XIX, a partir do Movimento de Oxford, liderados por teólogos que buscaram resgatar a herança católica da Igreja da Inglaterra. Já os evangélicos surgiram no século XVIII, a partir dos movimentos de Reavivamento no Reino Unido. Defendem os princípios da Reforma dentro do Anglicanismo, a simplicidade litúrgica e buscam dar maior ênfase na missão da Igreja e na conversão de novos membros.

presbiteral e episcopal para as mulheres, mas creio que isto é apenas uma questão de tempo. (AQUINO, 2000, p. 117).

Devido à contestação de alguns grupos anglo-católicos, por não se sentirem mais identificados ou representados na Comunhão Anglicana pelas posturas liberais de algumas Igrejas, ou na própria GAFCON, que assumiu uma identidade mais evangelical, vislumbrou-se um crescente desejo de muitos anglicanos ingressarem na Igreja Católica Romana, sem, no entanto, abrirem mão dos seus costumes. Esse movimento de “retorno à casa”, como foi interpretado na época pelos católicos romanos e os anglicanos em questão, foi acolhido pelo Papa Bento XVI, quando o pontífice, em 2009, erigiu o sistema do Ordinariato Pessoal para Anglicanos, por meio da Constituição Apostólica *Anglicanorum Coetibus*⁷. Assim, de modo unilateral, a Igreja Católica Romana criou uma estrutura eclesial para receber anglicanos preservando seus costumes que tinham fundamento no período pré-Reforma.

Devido a esse processo de perda de fiéis e de patrimônio, ocorreu um desgaste nas relações Roma-Cantuária, que somente foram resolvidas com os encontros entre o Papa Francisco e o Arcebispo Justin Welby, nos anos de 2016 e 2017. A eleição do Papa Francisco revelou uma nova política adotada pela Igreja Católica ao inverter a lógica das relações ecumênicas do papado de Bento XVI. Ao invés de incentivar e facilitar o ingresso de anglicanos na Igreja Católica, o novo Papa optou que estes permanecessem em suas Igrejas, postura esta que havia evidenciado quando da criação dos Ordinariatos.

Em 2009, quando o Papa Bento XVI criou o ordinariato pessoal, a nova estrutura jurídica para os anglicanos que se convertem ao catolicismo, Bergoglio chamou o bispo Gregory Venables, primaz anglicano do Cone Sul (em comunhão com Canterbury) e residente em Buenos Aires. Durante o almoço, recorda Venables, ‘disse-me muito claramente que o ordinariato era algo absolutamente desnecessário e que a Igreja precisava de nós como anglicanos’. (IHU UNISSINOS, 03 fev. 2015).

Neste mesmo período pós-Bento XVI, ocorreu uma retomada dos trabalhos da Comissão Internacional, quando a ARCIC III se reuniu no Rio de

⁷ Entre 2011 e 2012 a Congregação para a Doutrina da Fé criou três ordinariatos pessoais, para serem administrados pelos fiéis, sob a supervisão de um bispo católico romano, mas sem um território definido, como uma diocese. Sua constituição segue o modelo dos ordinariatos militares. Os três ordinariatos foram criados na seguinte ordem: Ordinariato Pessoal Nossa Senhora de Walsingham (*Personal Ordinariate of Our Lady of Walsingham*), para a Grã-Bretanha; Ordinariato Pessoal da Catedral de São Pedro (*Personal Ordinariate of the Chair of Saint Peter*), para o Canadá e Estados Unidos; e o Ordinariato Pessoal de Nossa Senhora do Cruzeiro do Sul (*Personal Ordinariate of Our Lady of the Southern Cross*), para a Austrália e Japão.

Janeiro, em 2013. Além de ser a primeira reunião da Comissão Internacional na América Latina, ela contou com amplo apoio dos bispos anglicanos e católicos brasileiros. Esse encontro deu origem ao documento *Caminhando Juntos pelo Caminho: Aprendendo a Ser Igreja - Local, Regional, Universal* (livre tradução do inglês, ainda sem previsão para publicação em português).

A Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana, órgão oficial nomeado pelas duas Comunhões para o diálogo teológico, realizou a terceira reunião de sua nova fase (ARCIC III), no Mosteiro de São Bento, Rio de Janeiro, Brasil, (29 de abril a 7 de maio de 2013). Esta é a primeira vez em seus quarenta anos de história que a ARCIC se encontra na América Latina e, de fato, no hemisfério sul. Os membros da Comissão agradecem a Dom Filipe da Silva OSB, o Abade, à sua comunidade pela amável hospitalidade. A Comissão participou nas Vésperas diárias e na Eucaristia dominical na igreja do mosteiro, e foram realizadas em oração pela comunidade monástica. Uma ampla gama de documentos foi preparada para a reunião e discutida, levando a Comissão mais longe em seu objetivo de produzir uma declaração acordada. O mandato para esta terceira fase da ARCIC é explorar: a Igreja como Comunhão, local e universal, e como em comunhão a Igreja local e universal chega a discernir o ensino ético correto. Ao explorar este mandato, os membros da Comissão empenharam-se na análise teológica e na reflexão compartilhada sobre a natureza da Igreja e as estruturas que contribuem para o discernimento e a tomada de decisões. O tempo foi gasto considerando alguns estudos de caso de questões éticas que os membros haviam preparado e analisando as maneiras pelas quais as duas Comunhões chegaram ao seu ensino atual sobre essas questões. (EPISCOPAL NEWS SERVICE, 08 mai. 2013).

Após um *hiatus* de publicações da ARCIC, a mesma voltou a divulgar um novo documento em 2017, fruto de reuniões na Alemanha, como parte das celebrações dos 500 anos da Reforma Protestante. Os temas trabalhados neste novo documento, ainda não traduzido para o português, enfatizavam dois assuntos já aprofundados em documentos anteriores: autoridade e eclesiologia. Essa retomada dos referidos temas, deveu-se aos entraves enfrentados na primeira década de 2000, pelas divergências surgidas pelos avanços no campo ministerial e teológico de algumas Igrejas da Comunhão Anglicana.

Seu último documento foi ‘Maria: Graça e Esperança em Cristo’, de 2005, com um hiato desde então até 2010, depois que o Papa João Paulo II se posicionou contra a nomeação do bispo episcopal de New Hampshire, Gene Robinson, que é abertamente gay e depois também revelou estar em um relacionamento. O novo documento, fruto de um acordo em uma reunião em Erfurt, na Alemanha, em 2017, publicado on-line de forma discreta na manhã do dia 2 de julho de 2018, faz parte do que a comissão considera a terceira fase do trabalho. Os copresidentes do grupo - Bernard Longley, arcebispo de Birmingham, Inglaterra, e David Moxon, arcebispo anglicano da Nova Zelândia, que acabou de encerrar seu mandato como representante do arcebispo de Canterbury junto à Santa Sé — dizem, no prefácio, que esta fase deve

recuperar dois temas de longa data em relação ao diálogo: autoridade e eclesiologia da comunhão. (IHU UNISSINOS, 03 jul. 2018).

Da mesma forma que a ARCIC passou por um *hiatus* neste período, a Comissão Nacional também estagnou no Brasil, devido a problemas surgidos dentro da IEAB. Até o ano de 2013 a CONAC tinha reuniões regulares, como atestam as notícias e os relatórios da instituição. Entretanto, após a eleição do bispo Flávio Irala e os problemas surgidos com o cisma da Catedral Anglicana de São Paulo⁸, os trabalhos da Comissão não mais avançaram.

Contextualizando o problema, a Diocese Anglicana de São Paulo (DASP) – a qual sempre esteve diretamente envolvida nas atividades da CONAC, por estar localizada no seu foro –, passou por uma crise semelhante à da Diocese Anglicana do Recife. A DASP tornou-se uma Diocese sem Catedral, e no lugar da sé diocesana, as atividades passaram a girar em torno de Paróquias localizadas na capital, como a Santíssima Trindade, São João e Santa Cruz, esta última, onde também se encontra a sede do escritório diocesano.

Da mesma forma, neste período, desgastes institucionais abalaram o episcopado do bispo Flávio Augusto Borges Irala⁹, cuja eleição conturbada havia sido a oportunidade para o Deão Aldo Quintão “justificar” seu rompimento com a IEAB. Com o posterior afastamento do bispo Irala e a Diocese sendo supervisionada pelo então Primaz Francisco de Assis, tal problema somente foi solucionado com a eleição do novo bispo, o Reverendo César Fernandes¹⁰, em 2019.

No meio dessas disputas internas, perda de patrimônio e de fiéis, e a falta de uma liderança episcopal sólida, que fosse capaz de manter a unidade da Igreja

⁸ Em 2013, o então Deão da Catedral Anglicana de São Paulo, o Reverendo Aldo Quintão, também rompeu com a IEAB, juntamente com o ex-Primaz e bispo emérito da DASP, Glauco Soares e, e o então diocesano, Roger Bird. Diferente do perfil mais tradicional de Robinson Cavalcanti, Aldo mostrou-se uma figura carismática, que não tardou a participar dos principais programas de entrevistas televisivas do país, assim como sair na capa das mais importantes revistas. Atraindo a classe média e alta de São Paulo, a partir de suas celebrações descontraídas, ele tornou a Catedral Anglicana de São Paulo, não mais sede da Diocese Anglicana de São Paulo (IEAB), mas uma igreja independente, cuja liderança é centralizada em sua própria pessoa.

⁹ Foi eleito como o sexto bispo da Diocese Anglicana de São Paulo, durante o Concílio realizado em 2013. Antes do episcopado, parte de seu ministério foi exercido na DASP, quando em 1996, assumiu a Paróquia de São João, em São Paulo, como o primeiro reitor de origem não japonesa. Anos mais tarde, atuou na Paróquia de São Lucas (Londrina-PR), e posteriormente, tornou-se deão da Catedral de São Tiago, em Curitiba, quando foi criada a Diocese Anglicana do Paraná, em 2003. Foi presidente do CONIC Nacional e coordenou a CFE de 2016. Em São Paulo, foi presidente do Centro de Imigrantes e apoiador do MOFIC.

¹⁰ Eleito em 09 de julho de 2019, Francisco César Fernandes Alves tornou-se o sétimo bispo da Diocese Anglicana de São Paulo, sendo sagrado no dia 25 de janeiro de 2020. Além de exercer seu ministério como reitor da Paróquia São João, na capital paulista, por muito tempo integrou a CONAC, representando a IEAB em eventos ecumênicos realizados junto com a CNBB.

local, a DASP não conseguiu mais aprofundar o seu trabalho junto à CONAC. Da mesma forma, apontamos que, durante o pontificado do Papa Bento XVI, a Igreja Católica em São Paulo passou por um avanço de grupos conservadores, a exemplo dos Arautos do Evangelho e a expansão maciça da Renovação Carismática Católica, ambos os movimentos que, em sua teologia e eclesiologia, não veem com bons olhos o Ecumenismo, tratando-o como um perigo à unidade e doutrina da Igreja.

4 Propostas para um ecumenismo prático

No dia 4 de dezembro de 2020, o Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos aprovou um novo documento chamado “O Bispo e a Unidade dos Cristãos: *Vademecum* Ecumênico”. O texto, aprovado pelo Papa, será enviado aos bispos do mundo inteiro. Já possível ter acesso à sua versão em português, de modo que, utilizaremos o seu texto para a análise desse tópico. O documento enfatiza o papel do bispo, sendo um serviço pelo próprio Código de Direito Canônico e que o episcopo deve ter uma postura de unidade para com as demais Igrejas Cristãs. Ao final das sessões, o texto resume em termos simples os deveres e iniciativas que os bispos podem promover na Igreja local.

O *Vademecum* aponta roteiros para começar as ações de cunho ecumênico a partir do estudo dos documentos produzidos pelas Comissões Bilaterais. Para isso, o texto orienta não apenas a criação de comissões nacionais, mas também diocesanas, a nível regional, para dar início ao diálogo de cunho teológico, e assim, traçar diretrizes para ações práticas na comunidade.

Identificar quais os documentos bilaterais que foram publicados entre a Igreja Católica e as principais comunidades cristãs presentes na diocese. O apêndice deste *Vademecum* apresenta um guia introdutório aos diálogos cujos documentos estão disponíveis no site do CPPUC. Formar uma Comissão de diálogo nacional, regional ou diocesano com a participação de especialistas teólogos, quer sejam leigos ou ordenados. A Comissão pode participar num estudo conjunto dos documentos dos diálogos internacionais ou nacionais ou pode abordar questões de interesse local. Convidar a Comissão a propôr acções (sic) concretas que podem ser realizadas em conjunto na diocese com as outras comunidades cristãs e com base nos acordos ecumênicos que já foram alcançados. (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, 2020, p. 31).

Os trabalhos acadêmico-teológicos, de tradução, estudos e promoção dos documentos da ARCIC, já fazem parte das atividades regulares da CONAC. Da mesma forma, as Campanhas da Fraternidade Ecumênicas, mostram a preocupação das Igrejas Cristãs com os temas ali trabalhados, com uma preparação concreta durante a Quaresma e o prenúncio da Páscoa, neste mundo, pela renovação interna da Igreja. Por isso, queremos propor novos passos para a Comissão, inspirando-se em ações pontuais já realizadas no Brasil e no mundo.

Na segunda parte do documento, que trata das relações da Igreja Católica com os outros cristãos, tem-se o tópico D. ii) Ecumenismo Prático. A partir desse conceito de cooperação mútua entre as Igrejas, iremos trabalhar as propostas da pesquisa para o trabalho conjunto entre anglicanos e católicos.

O Concílio Vaticano II apelou para que todos os cristãos, unidos num esforço comum e dando testemunho da mesma esperança, apresentassem ‘o rosto de Cristo Servo ainda mais luminoso’ (UR 12). Eles fizeram notar que em muitos países esta cooperação já acontece no âmbito da defesa da dignidade humana, no alívio das aflições da fome, nos desastres naturais, no caso do analfabetismo, da pobreza, da falta de habitação e da distribuição desigual da riqueza. Hoje podemos adicionar a esta lista a acção cristã coordenada para cuidar dos povos deslocados e migrantes; a luta contra a escravidão moderna e o tráfico de pessoas; a construção da paz; a defesa da liberdade religiosa; a luta contra a discriminação; a defesa da santidade da vida e o cuidado da criação. Os cristãos agindo e cooperando desta forma, é o que se entende por ‘ecumenismo prático’. Cada vez mais, e à medida que surgem novas necessidades, as comunidades cristãs reúnem os seus recursos e coordenam os esforços possíveis para responder de forma cada vez mais eficaz aos mais necessitados. São João Paulo II chamou os cristãos a empenharem-se em ‘todas as formas possíveis de cooperação prática a todos os níveis’ e descreveu este tipo de trabalho conjunto como ‘uma verdadeira escola do ecumenismo, um caminho dinâmico para a unidade’ (UUS 40). (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, 2020, p. 39).

Essa ideia de um Ecumenismo Prático já foi vista em muitas ações conjuntas, tanto a partir das Dioceses e dos Bispos, assim como por meio da iniciativa do próprio Papa Francisco, que nos últimos tempos vêm se reunindo com lideranças de outras Igrejas Cristãs. Aqui cabe o destaque para a atuação de Francisco junto ao Arcebispo de Cantuária Justin Welby nos últimos anos, tanto em momentos de oração pela paz quanto em declarações em defesa da paz em países com conflitos.

Um exemplo disso, foi o retiro espiritual ocorrido em abril de 2019 o Papa Francisco realizou na Casa Santa Marta, no Vaticano, um retiro espiritual pela

paz no Sudão do Sul, diante da guerra civil no que se iniciou em 2013, a qual gerou um quadro de crise humanitária na região. Na ocasião, participaram o Primaz Anglicano, o moderador da Igreja da Escócia, reverendo Jim Wallace, e líderes políticos sul-sudaneses. No Natal de 2020, os três líderes religiosos emitiram uma declaração conjunta aos governantes sul-sudaneses, pedindo mais esforços para o processo de paz, incluindo uma visita ao país (VATICAN NEWS, 24 dez. 2020).

Para entender a ideia do que seria o Ecumenismo Prático – no sentido de buscar incluir concretamente as pessoas que estão fora do nosso círculo eclesial –, devemos mergulhar no sentido mais amplo dessa praticidade, utilizando como suporte teórico outro conceito, que possui uma conotação especial dentro da Teologia e Eclesiologia Anglicana: a Inclusividade. Esse termo, do inglês *comprehensiveness*, foi traduzido pelo Reverendo Jaci Maraschin, definindo-o da seguinte maneira:

Na língua inglesa de onde vem o conceito de que estamos falando, se diz *comprehensiveness* que não tem muito a ver com a tradução literal dessa raiz que seria ‘compreensão’. Aliás, convém anotar que nossos melhores dicionários não registram a palavra compreensividade que, se insistíssemos, não passaria de deselegante anglicismo. Afirmar, pois, que uma das características da Comunhão Anglicana seria a compreensividade nos levaria a fazer uma afirmação incompreensível. Os melhores dicionários da língua inglesa nos ajudam a entender *comprehensiveness* como inclusividade ou abrangência. Sempre foi essa intenção dos teólogos anglicanos quando empregaram a palavra. Inclusividade significa a disposição para incluirmos na nossa experiência cristã a longa e rica tradição católica da igreja Universal, ao mesmo tempo em que nos abrimos para as redescobertas da Reforma Protestante e para as ‘coisas novas’ que o Espírito está constantemente ensinando à igreja. Haverá, certamente, outras formas de inclusividade, mas entre nós essa forma tem sido enriquecedora e geradora de valores e forças espirituais. (MARASCHIN, 1995, p. 24).

Tal conceito de Inclusividade, quando aplicado ao Ecumenismo, seria a capacidade do Anglicanismo e do Catolicismo de se permitirem vivenciar mutuamente a *koinonia*, que é o mistério maior da vida da Igreja, visível em sua pluralidade de expressões – práticas pastorais, ritos, doutrinas e a vida comunitária –, dando novo sentido à expressão “unidade na diversidade”, muitas vezes desgastada pelo seu uso, por ambas as comunidades eclesiais. Seria a experiência concreta da rica tradição da Igreja, por meio de uma abertura à plena comunhão.

A melhor hermenêutica ecumênica é a hermenêutica da comunhão que, por ser capaz de penetrar com profundidade no mistério do Deus Uno e Trino, à luz desse mistério compreende também em profundidade a verdade da Igreja. ‘O conceito de comunhão (koinonia)[...] é muito adequado para exprimir o núcleo profundo do mistério da Igreja e pode ser, certamente, a chave de leitura para uma renovada eclesiologia católica’. Essa hermenêutica possibilita convergências e consensos teológico-pastorais entre as tradições eclesiais, superando as divergências na compreensão dos elementos que expressam a verdade da Igreja. As tradições particulares assumem sentido universal quando isso acontece. (BIZON; DRUBI, 2004, p. 81).

Numa concepção que se fundamenta em uma hermenêutica ecumênica, aberta aos novos desafios do nosso tempo, a *inclusividade/comprehensiveness* em suas diversas facetas litúrgicas, eclesiológicas e pastorais seria fruto direto dos novos ventos do Espírito Santo, que inspira a caminhada da Igreja, que por sua vez é “construída e remodelada na vivência prática do Evangelho e na fidelidade a Jesus Cristo.” (CALVANI; OLIVEIRA, 2012, p. 219).

Em relação ao Catolicismo, alguns dos maiores entraves no campo ecumênico se encontram na partilha da vida sacramental e na participação de fiéis de outras Igrejas em ofícios litúrgicos, especialmente nas Celebrações Eucarísticas e a administração da comunhão. Nesse sentido, o documento do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos aponta dificuldades e dissensos para uma participação plena nos sacramentos da Igreja Católica, diferente da prática da “Mesa Aberta”, observada, de modo especial, no âmbito do Anglicanismo, que permite a administração da comunhão a membros de outras Igrejas, sem maiores ressalvas.

Em relação aos católicos,

a questão da administração e recepção dos sacramentos, e especialmente da Eucaristia, nas celebrações litúrgicas uns dos outros permanece um campo de tensão significativa nas nossas relações ecumênicas. [...] Tendo em conta o primeiro princípio do Directório declara que ‘A comunhão eucarística está inseparavelmente ligada à plena comunhão eclesial e à sua expressão visível’ (DE 129) e portanto, em geral, a participação nos sacramentos da Eucaristia, reconciliação e unção é limitada àqueles que estão em plena comunhão. No entanto, aplicando o segundo princípio, o Directório afirma ainda que ‘a título excepcional, e sob certas condições, o acesso a estes sacramentos pode ser permitido, ou mesmo recomendado, aos cristãos de outras Igrejas e comunidades eclesiais’ (DE 129). (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, 2020, p. 35-36).

Nesse aspecto, uma possibilidade de Ecumenismo Prático a ser experimentada e, posteriormente, adotada como ação pastoral e litúrgica, é o conceito da Paróquia Conjunta (*Joint Parish*, em inglês), a exemplo da Paróquia dos Santos Apóstolos (*Parish of the Holy Apostles*), em Virginia Beach, estado de Virgínia (EUA). Surgida em 1977, em meio ao espírito ecumênico dos encontros entre as lideranças episcopais anglicanas e católicas romanas, a proposta da paróquia conjunta é de abrigar sob um mesmo teto, as atividades de duas comunidades que vivem a fé em diálogo constante, realizando obras e prestação de serviços à comunidade, e da mesma forma celebrando em um mesmo espaço litúrgico (MEAD, 31 out. 2016).

Sobre a questão da celebração litúrgica, bastante delicada para a doutrina católica, destacamos a disposição inovadora dos móveis dentro do templo, em cujo presbitério se encontra um único púlpito, ao centro, para a partilha da Palavra, e dois altares, de cada lado, para a celebração eucarística, segundo os ritos específicos da Igreja Católica Romana e da Igreja Episcopal dos Estados Unidos. Este modelo aqui apresentado torna-se bastante prático, quando aplicado a capelas em locais distantes, que possam servir para o uso comum.

Trazendo este conceito da Paróquia Conjunta para o Brasil, destacamos a mesma iniciativa recentemente adotada pela Igreja Católica Romana e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB). O acordo firmado entre as duas Igrejas, no dia 10 de julho de 2019, permitiu que ambas utilizassem o mesmo templo, pertencente aos luteranos, na cidade de Palmitos, em Santa Catarina, devido a problemas de estrutura do templo católico.

As comunidades conversaram a respeito dos símbolos, sobre a disposição do altar, a organização para zelar pelo patrimônio, bem como foram criadas as regras para uma boa convivência e utilização do espaço litúrgico. Um bom tempo antes, ambas as comunidades passaram a celebrar suas atividades na igreja evangélica luterana. O curioso é que os cultos e missas passaram a ter maior frequência, conforme relatam as lideranças locais. Agora, quando tem missa, os evangélicos participam. De igual modo, quando tem culto, os católicos também se integram. Todavia, há uma clareza quanto à confessionalidade das partes. (CONIC, 23 jul. 2019).

O caso de Palmitos revela uma possibilidade bastante interessante para o avanço do diálogo ecumênico anglicano-católico, que é o uso dos mesmos espaços e altar para ofícios litúrgicos e de oração comunitária. No contexto brasileiro,

ainda marcado por dificuldades do ponto de vista litúrgico-doutrinário, a Paróquia dos Santos Apóstolos torna-se um modelo primário: um púlpito compartilhado e dois altares erigidos para cada denominação.

Em relação à divisão de um mesmo altar, já temos precedentes em casos bastante especiais, a exemplo do uso da Capela Ecumênica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cujo presbitério já foi utilizado tanto por católicos quanto por anglicanos de suas respectivas comunidades. Também destacamos a sagração do Bispo Maurício Andrade, atual diocesano anglicano de Brasília, ocorrida em 2003, quando, pela primeira vez, a Catedral Metropolitana de Brasília foi utilizada para um rito de ordenação de um bispo não-católico romano. Por fim, vale ressaltar a autorização dada pelo Arcebispo de Brasília, Dom Sérgio da Rocha, para o uso da capela do Centro de Convenções Israel Pinheiro – de propriedade dos Salesianos –, para a Celebração Eucarística da abertura do 34º Sínodo Geral da IEAB, ocorrido em 30 de maio de 2018. (DIOCESE ANGLICANA DE BRASÍLIA, 10 jun. 2018).

Um exemplo ainda mais recente de Ecumenismo Prático, vivenciado entre anglicanos e católicos no Brasil, foi o convite para a participação de representantes da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil no Sínodo para a Amazônia, que aconteceu no Vaticano, entre 06 e 27 de outubro de 2019. O convite dos representantes anglicanos – o leigo Daniel Lima e o Reverendo Cláudio Miranda, da Diocese Anglicana da Amazônia –, foi feito pelo Secretário Geral da CNBB, intermediado por Dom Teodoro Mendes Tavares, Bispo da Diocese de Ponta de Pedras, na Ilha do Marajó, Pará.

Este convite não apenas reforçou os laços ecumênicos já construídos entre as duas Igrejas, mas, sobretudo, evidencia a proposta principal do Ecumenismo que é incluir aqueles que estão fora da nossa realidade vivenciada, para que, por meio da vivência, as partes possam entrar em comum acordo e construam uma ação conjunta.

O ecumenismo é fundamentalmente perspectiva – em seu sentido epistemológico – compreendida como o fio condutor ou eixo central do desenvolvimento do tratado da eclesiologia. Ele é um tema que perpassa a reflexão teológica sobre a Igreja para explicitar a

complexidade da realidade eclesial em seus âmbitos histórico e escatológico. Por meio dessa perspectiva, a Igreja de Cristo aparece como mistério revelado na forma de sacramento de salvação universal, abertura à realidade histórica, sem absolutizá-la, introjetando nela o horizonte escatológico pleno a ser atingido. (WOLFF, 2007, p. 205).

O fator lugar de voz para representantes não-católicos dentro de um Sínodo de Bispos para discutir a realidade Pan-Amazônica, transcende as barreiras denominacionais, unindo não apenas católicos e anglicanos, mas as denominações cristãs, em especial, as fixadas no Brasil, em busca da preservação e renovação da Criação, cujo trabalho conjunto, prefigura a Segunda Vinda de Cristo, por meio de Seu desejo “para que todos sejam um [...]” (Jo 17,21).

CONCLUSÕES

Em setembro de 2019, o Padre José Bizon entrou em contato com a Secretária Geral da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, a Reverenda Magda Guedes, para dar continuidade às reuniões da Comissão, que não acontecem há mais de quatro anos. Em seu Sínodo Geral de 2018, a IEAB elegeu as Reverendas Lúcia Dal Pont (Diocese do Paraná) e Carmen Kawano (Diocese de São Paulo), para representarem a Igreja na CONAC. Por parte da Igreja Católica, o Padre Bizon continua como o representante católico romano na Comissão, atuando junto à Casa da Reconciliação, sendo este o espaço destinado a acolher os interlocutores nesse processo dialógico.

Também é importante ressaltar que o trabalho da CONAC não está dissociado da ARCIC e de outros órgãos da Comunhão Anglicana e da Igreja Católica. Em âmbito internacional, os relatórios da ARCIC são apresentados em órgãos oficiais da Comunhão Anglicana, como o Conselho Consultivo Anglicano, ou são levados a encontros do episcopado anglicano ou católico mundial para o debate.

Do lado católico, o Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos continua a observar e orientar o trabalho da ARCIC, atuando em conjunto com a Congregação para a Doutrina da Fé, sobretudo quando se trata da publicação de documentos ou declarações do gênero. Também existe a

Comissão Internacional Anglicana-Igreja Católica para a Unidade e Missão (IARCCUM), que é uma comissão especial de bispos anglicanos e católicos que, procura desenvolver a recepção dos documentos da ARCIC e a promoção de ações conjuntas no campo do serviço cristão.

Em nível brasileiro, o trabalho da ARCIC e as ações promovidas pela CONAC são apresentados na forma de relatórios. Nos Sínodos da IEAB, são apresentados pela Comissão de Relações Ecumênicas, formada pelos representantes da Igreja junto a vários organismos ecumênicos. Nas Assembleias da CNBB, se dão através da Comissão Episcopal Pastoral para o Ecumenismo e o Diálogo Inter-Religioso, que tem o objetivo de traçar o planejamento para a elaboração de novos materiais referenciais para o ecumenismo, diálogo das comissões bilaterais, partilha e demais encaminhamentos dos regionais. Vale destacar que a presença de representantes ecumênicos nessas reuniões de âmbito nacional é um fator imprescindível para estreitar os laços já existentes e se tornou uma prática seguida por ambos os órgãos.

O pontificado do Papa Francisco apresenta-se como um momento mais do que favorável para o diálogo, o que deve fomentar avanços significativos nos próximos anos. Vale ressaltar que muitos problemas ainda precisam ser superados, sobretudo, os esforços humanos em traduzir as novas publicações da ARCIC e estimular o debate em nível institucional. Porém, a trajetória da Comissão Nacional sempre foi pautada no respeito e cooperação mútuos, desde o seu início, de modo que, este trabalho deverá ser retomado em breve.

Por fim, caso anglicanos e católicos desejem manter acesa a chama do Diálogo Ecumênico, em especial, o trabalho promovido pela CONAC, o melhor caminho a ser seguido é a máxima do teólogo luterano Rupertus Meldenius: “Nas coisas essenciais, unidade; nas coisas não essenciais, liberdade; e em todas as coisas, amor.” (GARRISON, 1906, p. 37)¹¹.

¹¹ Esse epigrama, citado pelo clérigo puritano Richad Baxter, teria a sua origem em uma frase dita por Rupertus Meldenius, teólogo e professor luterano do século XVII, ficando conhecida como o “Provérbio de Meldenius”. Todavia, em pesquisas na Internet, encontramos essa citação sendo atribuída, de forma equivocada, a Agostinho de Hipona.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Jorge. **Anglicanismo**: uma introdução. Recife: Perfilgráfica, 2000.
- BIZON, José; DRUBI, Rodrigo (orgs.). **A Unidade na Diversidade**: coletânea de artigos em comemoração aos 40 anos do decreto Unitatis redintegratio sobre o ecumenismo. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- CALVANI, Carlos Eduardo Brandão; OLIVEIRA, Vera Lúcia Simões de. **Nossa Identidade**: história e teologia anglicanas. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANO-CATÓLICA ROMANA. **Relatório Final**. Rio de Janeiro: Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1990.
- COMISSÃO NACIONAL ANGLICANO-CATÓLICA ROMANA. **Unidos no Diálogo**: anglicanos e católicos. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Unitatis Redintegratio - Decreto do Concílio Vaticano II sobre o Ecumenismo**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2005.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Guia Ecumênico**: normas e orientações da Igreja Católica em matéria de ecumenismo/CNBB. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.
- CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS. **Luteranos e católicos irão compartilhar templo em Palmitos-SC**. 23 jul. 2019. Disponível em: <https://conic.org.br/portal/noticias/3184-luteranos-e-catolicos-irao-compartilhar-templo-em-palmitos-sc>. Acesso em: 29 out. 2021.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. **O Bispo e a unidade dos cristãos**: *vademecum* ecumênico. 2020. Disponível em: www.christianunity.va/content/dam/unitacristiani/Documentazione%20generale/2020Vademecum/Vademecum-PT-GARAMOND.pdf. Acesso em: 29 out. 2021.
- DIOCESE ANGLICANA DE BRASÍLIA. **Bispos anglicanos e católicos celebram os 25 anos de diálogo ecumênico no Brasil**. 19 abr. 2007. Disponível em: <http://dab.ieab.org.br/2007/11/19/bispos-anglicanos-e-catolicos-celebram-os-25-anos-de-dialogo-ecumenico-no-brasil/>. Acesso em: 29 out. 2021.
- DIOCESE ANGLICANA DE BRASÍLIA. **Confelíder e Sinodo da Igreja Episcopal Anglicana aconteceu em Brasília**. 10 jun. 2018. Disponível em: <https://www.dab.org.br/project/confelider-e-sinodo-da-igreja-episcopal-anglicana-aconteceu-em-brasilia/>. Acesso em: 29 out. 2021.
- EPISCOPAL NEWS SERVICE. **Comunicado: Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana**. 08 mai. 2013. Disponível em: <https://www.episcopalnewsservice.org/pt/2013/05/08/communique-anglican-roman-catholic-international-commission/>. Acesso em: 29 out. 2021.
- GARRISON, James Harvey. **Christian Union**: a historical study. St. Louis, Missouri: Christian Publishing Company, 1906.

IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL. **Atas e Outros Documentos da XXI Reunião do Sínodo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB)**. Porto Alegre: Departamento de Comunicação da IEAB, 1984.

IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL. **Atas e Outros Documentos da XXII Reunião do Sínodo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB)**. Porto Alegre: Departamento de Comunicação da IEAB, 1986.

IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL. **Atas e Outros Documentos da XXIV Reunião do Sínodo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB)**. Porto Alegre: Departamento de Comunicação da IEAB, 1990.

IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL. **Atas e Outros Documentos da XXVIII Reunião do Sínodo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB)**. Porto Alegre: Departamento de Comunicação da IEAB, 2000.

IHU UNISSINOS. **Ecumenismo a portas fechadas**. 03 fev. 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/539562-ecumenismo-a-portas-fechadas>. Acesso em: 29 out. 2021.

IHU UNISSINOS. **Acabou o ecumenismo entre católicos e anglicanos?** 11 mai. 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/542468-acabou-o-ecumenismo-entre-catolicos-e-anglicanos>. Acesso em: 29 out. 2021.

IHU UNISSINOS. **Documento sobre o diálogo católico-anglicano sugere que as igrejas podem aprender uma com a outra**. 03 jul. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/188-noticias/noticias-2018/580503-documento-sobre-o-dialogo-catolico-anglicano-sugere-que-as-igrejas-podem-aprender-uma-com-a-outra>. Acesso em: 29 out. 2021.

MARASCHIN, Jaci Correia. **A Inclusividade Anglicana**. In: Estandarte Cristão. Jornal da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, n. 1733, mar./abr./mai. 1995.

MEAD, Alan. **Holy Apostles: The Story of a Catholic and Episcopalian Joint Parish**. Nova Iorque: Paulist Fathers. 31 oct. 2016. Disponível em: <http://www.paulist.org/the-conversation/holy-apostles-the-story-of-a-catholic-and-episcopal-joint-parish/>. Acesso em: 29 out. 2021.

MENSAGEM de Francisco e de Welby aos líderes do Sudão do Sul. Vaticano: Vatican News. 24 dez. 2020. Disponível em: vaticannews.va/pt/papa/news/2020-12/mensagem-papa-francisco-justin-welby-martin-fair-sudao-do-sul.html. Acesso em: 29 out. 2021.

WOLFF, Elias. **A unidade da Igreja**: ensaio de eclesiologia ecumênica. São Paulo: Paulus 2007.